

# PRIMEIRAS LIÇÕES

Humberto Rezende  
Especial para o Correio

**Q**uando era bancário e estudava administração de empresas, há três anos, Marcelo Henrique Freire, 24 anos, já se interessava por educação e gostava de crianças. Mas ser professor de educação infantil parecia impossível. "Achava que não existia homens dando aulas para essa idade", conta. Surpreso, descobriu que a escola Vivendo e Aprendendo, na Asa Norte, estava contratando professores homens para suas turmas, do maternal ao pré. Candidatou-se ao cargo e foi aceito. Deixou o emprego no banco, largou a faculdade e hoje ensina em uma turma de crianças de cinco a sete anos.

A história de Marcelo ilustra uma realidade que começa a ser criticada por algumas escolas e considerada prejudicial à formação das crianças por vários especialistas: o exagerado número de mulheres atuando no ensino infantil e fundamental.

Em seu livro *As primeiras professoras — As origens do processo de feminização docente na Espanha*, ainda não lançado no Brasil, a socióloga da Escola de Magistério da Universidade Autônoma de Madri, Sonsoles San Román, contesta a crença de que seria natural as crianças serem ensinadas por mulheres. Ela acredita que essa realidade se deve a construções históricas que determinam papéis distintos para os dois性es e critica essa divisão desigual entre homens e mulheres na sala de aula.

Seu principal argumento é o de que, sem professores homens, as crianças estariam aprendendo que ensinar e cuidar de alunos é tarefa exclusiva das mulheres. "Vai contra o modelo de sociedade que nós queremos construir: democrática e igual", adverte Sonsoles.

A realidade espanhola e brasileira são muito parecidas nesse aspecto. Em sua pesquisa, Sonsoles verificou que 70% dos professores espanhóis são mulheres. Na educação infantil, elas representam 99% dos docentes. Em Brasília, dados da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan) mostram que, na Fundação Educacional, 90% dos professores são mulheres. A proporção é ainda maior nas séries iniciais.

## MUDANÇA

Percebendo isso, alguns colégios começam a tentar reverter esses números. "A função da escola é formar um cidadão contemporâneo de seu tempo e capaz de promover mudanças. E ser capaz de conviver com as novas relações entre os sexos faz parte dessa formação", diz Lúcia Pulino, professora do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da Universidade de Brasília (UnB) e psicóloga da escola Vivendo e Aprendendo.

"As mulheres sempre ficaram responsáveis pela criação das crianças e isso acabou refletindo na educação. Tanto que a primeira turma da escola se chama maternal, que remete a uma idéia de mãe. Mas hoje a realidade é outra. As mulheres saíram de casa", observa Lúcia.

Por isso, na escola onde trabalha cada turma é ensinada por dois professores, um homem e uma mulher. Isso, sempre que possível, pois a escola sofre com a falta de homens dispostos a encarar o ensino infantil. Assim, elas convivem com os dois modelos, e aprendem a questionar valores que vêm fora da escola e na própria família.

"É comum elas associarem os professores como o pai e a mãe", conta outro professor da Vivendo e Aprendendo, Gilberto Nunes Filho, 27 anos, formado em psicologia. Marcelo concorda: "Alguns alunos me perguntam por que eu uso brinco e o pai delas não, quando temos aula de culinária, eles reparam que, mesmo sendo homem, eu cozinhei".

A experiência gera nas crianças uma reflexão sobre os papéis do homem e mulher na sociedade. Na turma de Marcelo, já começo a ficar claro para as crianças as diferenças



**TABU**  
Nunes e Marcelo (de pé), contratados pela escola Vivendo e Aprendendo para dar aula de alfabetização: contribuição para mudar uma realidade predominantemente feminina e levando as crianças a refletirem sobre os papéis do homem e da mulher na sociedade

## ENTREVISTA/Sonsoles San Román

### "O excesso de mulheres na educação infantil e primária não é natural nem positivo"

#### Do País

*Professora de sociologia da Escola de Magistério da Universidade Autônoma de Madri, Sonsoles San Román dedicou quatro anos de sua vida para analisar as razões de a grande maioria de professores do ensino infantil e fundamental serem mulheres. O resultado do estudo está publicado na obra Las Primeras maestras — Los orígenes del proceso de feminización docente en España. No livro, lançado este ano na Espanha, Sonsoles critica a idéia de que as mulheres teriam uma habilidade natural para serem professoras e diz que a falta de homens ensinando nas séries iniciais*

*é prejudicial às crianças.*

*Se o magistério é formado por cerca de 70% de mulheres, proporção que chega a 99% em especialidades como educação infantil, como é que até agora não se havia analisado esse fenômeno?*

*Porque sempre se considerou evidente e natural que haja mais mulheres professoras. Mas o excesso de mulheres na educação infantil e primária não é natural nem algo positivo. É prejudicial.*

*Por quê?*  
O fato de os docentes serem fundamentalmente mulheres tem

efeitos negativos sobre o modelo de sociedade que queremos alcançar: democrática e igual. O ensino primário é a base e as crianças estão se socializando fundamentalmente com mulheres. Não se trata de excluir as mulheres deste campo, mas de abri-lo aos homens. *O que a senhora diria aos que consideram positiva essa feminização?*

*As pessoas que reivindicam o magistério para as mulheres são aquelas que estão entendendo a profissão como uma extensão da maternidade. E, ao defender a feminização do magistério, estão excluindo as mulheres de outros campos. Já não se pode mais defender teses como a de que as mulheres são mais intuitivas e pacientes, sobretudo porque agora se educa mulheres e homens da mesma maneira.*

*As vezes se considera o papel da professora uma extensão da maternidade.*

*A maternidade tem muito a ver com esse processo. No século passado, se pensava que era melhor que as professoras fossem mulheres por suas "qualidades naturais". Neste século, e até nos dias de hoje, defende-se o excesso de mulheres com o argumento de sua possível experiência como mães em casa. Então a divisão de tarefas em casa, inclusive no cuidado*

*com os filhos, mudará essa situação.*

*É possível, mas levará muito tempo. O certo é que algo está mudando. A prova é que os alunos homens de educação infantil estão conseguindo emprego antes que as mulheres. Os colégios estão querendo professores homens.*

*Que efeitos essa feminização produz sobre a educação das crianças?*

*O efeito é que a situação se reproduz: as meninas crescem imitando modelos femininos e os meninos não querem se dedicar ao magistério porque consideram que é um ofício de mulheres. Os primeiros anos de educação das crianças são decisivos, e quando vêem que são as mulheres que se encarregam da educação, começam a formar uma idéia determinada de como o mundo funciona.*

*Que pretendia conseguir com sua pesquisa?*

*Analisar o processo de incorporação das professoras nas escolas públicas desde o seu começo, e os interesses políticos, econômicos e religiosos que impulsionaram as mulheres para essa profissão. Queria averiguar por que há tanta feminização no ensino infantil e as escolas estão repletas de mulheres jovens. E por que estão?*

*Quando você pergunta às pro-*

*fessoras e alunas de magistério por que escolheram essa profissão, quase todas dizem que é por vocação e amor às crianças. Tudo bem. Mas é importante observar que há fatores sociais determinando que essa escolha ocorra. Não é natural que haja tantas mulheres nessa parcela. O processo se inicia na educação familiar, pelo modelo de mãe que temos, e a história tem sido um papel fundamental.*

*Por que continua havendo essa feminização atualmente?*

*A história, a forma que as mulheres são educadas e as expectativas que as famílias têm em relação aos seus filhos e filhas — que não são as mesmas — têm influenciado. A maioria das alunas de magistério são de classe média, quase não há de classe alta. E os meninos, quando fazem magistério, são de classes sociais mais baixas que as meninas. Isso não tem a ver com o salário?*

*Certamente. A profissão está desprestigiada, e está porque é mal paga. Por isso há mais mulheres.*

*Seria necessário portanto buscar formas de elevar o prestígio. Como?*

*Convertendo o curso de magistério em cursos de licenciatura. Subiriam os salários, se elevaria o nível de conhecimentos e o acesso à carreira seria mais duro.*

Ela alerta para o fato de que a família brasileira hoje é cada vez mais a do pai ausente. "Cerca de 25% das famílias hoje no Brasil são sustentadas por mulheres. E as consequências disso são nefastas para as crianças", diz. E ressalta, ainda, que essa profissão acaba sendo pouco prestigiada, com salários menores.

Mesmo que se observe uma mudança acontecendo na educação infantil, com uma demanda crescente por homens — o estudo de Sonsoles diz que os homens que se especializam em educação de crianças são mais rapidamente absorvidos no mercado que as professoras —, o processo tende a ser lento e tem seus obstáculos.

"Algumas mães às vezes ficam preocupadas com o fato de deixarem as crianças com um homem", conta Gilberto. Por cuidar de crianças, o trabalho dele inclui dar banho, ajudar a trocar de roupa ou ir ao banheiro. Isso pode gerar receio em alguns pais e seria outro motivo para as escolas preferirem contratar mulheres. Mas no caso da Vivendo e Aprendendo isso é raro. "Algumas mães separadas preferem até que o filho aprenda com homem, para ter também o referencial masculino", conta.

O consultor de recursos hídricos Luiz Amore, 38 anos, aprova o fato de a filha Nina, quatro anos, ter um professor homem. "Duas pessoas cuidando de uma criança é mais seguro. No caso de um professor e uma professora, melhor ainda, por permitir à criança ter o referencial dos dois sexos. Ela convive com a forma de sentir, criar, pensar e cuidar tanto do homem quanto da mulher, que são diferentes", acredita.

Outra consequência da filosofia adotada na escola é convocar os pais a participarem mais da educação dos filhos. A própria criança pode chegar em casa com questionamentos sobre o comportamento dos pais. Nessa hora é importante que a escola seja um lugar aberto para tirar as dúvidas que os pais também possam ter. "O que me agrada com essa mudança é poder, junto com outros pais e professores, encontrar a melhor forma de educar meus filhos. Eu também me eduto aqui", constata Luiz.

e semelhanças entre os dois sexos.

Quando perguntadas se existem coisas que só o homem ou a mulher pode fazer, "não" é a resposta dada em coro. "Mas homem não pode dar leite", observa Lígia Santos, seis anos. É a deixa para o professor comparar o seu corpo com o de uma mulher e dizer que nunca vai poder amamentar.

Em outras questões elas estão certas de que homem e mulher são ca-

pazes de realizar as mesmas tarefas. Homem pode cuidar dos filhos? "Pode." E a mulher pode trabalhar? "Pode", respondem em coro. Quando um aluno arrisca dizer que os meninos jogam *video game* e as meninas não, surgem protestos revoltados das garotas, dizendo que jogam sim.

Para a filósofa Ana Liési Thurler, coordenadora da Comissão de Direitos Humanos do Conselho dos

Direitos da Mulher do DF, cabe à escola estar atenta às mudanças sociais. "É um espaço que tem a possibilidade e a obrigação de promover transformações", acredita.

Ana concorda com a tese da socióloga espanhola que diz que o fato de haver mais mulheres que homens no ensino tem origens culturais e históricas. Na sua opinião, as escolas são assim porque até hoje nas famí-

lias o papel de cuidar da casa e dos filhos recai sobre a mulher.

## CÍRCULO VICIOSO

A predominância de mulheres na escola realimentaria um círculo vicioso. "A escola brasileira, em geral, ainda não assumiu o projeto de democratizar a sociedade. Sem igualdade entre os sexos, não há democracia", acredita.